

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 97

Data: 24/04/88 Pg.: _____

Funai proíbe entrada de duas freiras em aldeia maxacali

BRASÍLIA — Duas freiras, representantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), estão proibidas de entrar na área indígena maxacali, em Minas Gerais, porque pregam a desordem, a prática de furtos e, possivelmente, induzem os silvícolas ao consumo de bebidas alcoólicas.

É o que informa nota distribuída ontem pela Funai, em Brasília. A decisão de proibir o acesso das freiras Ângela e Leila naquela área indígena foi tomada pelo presidente da entidade, Romero Jucá Filho, depois da Polícia Federal ter checado as denúncias contra elas.

As freiras, segundo a Funai, moram há cerca de dois anos em Maxacalis, município situado nas proximidades da reserva indígena, estão a serviço da diocese de Teófilo Otoni—MG. Na reserva vivem cerca de 700 índios.

Semana do Índio

Depois de eleger 1988 como o Ano Nacional da Cultura Indígena, o presidente da Fundação Nacional do Índio, Romero Jucá, acredita que, após três anos de governo Sarney, a população indígena, mais do que nunca, tem motivos para comemorar a Semana do Índio.

Para ele, apesar de todas as dificulda-

des enfrentadas pela Funai — este ano recebeu apenas 25% do orçamento solicitado — o órgão está efetivamente melhorando a qualidade de vida dos índios no Brasil que, nos últimos anos, tiveram mais de 20 milhões de hectares de terras demarcadas totalizando aproximadamente 32 milhões de hectares.

Segundo Romero Jucá, a Funai, com seus erros e acertos, é de fato a única entidade com responsabilidade institucional para cuidar da questão indígena e vem lutando para garantir ao índio um futuro melhor para si e para seus filhos e netos. Confirmando esta afirmação, Romero Jucá cita números bastante significativos para apenas dois anos à frente do órgão: reforma e construção de 104 novas escolas, totalizando 650 unidades; construção de 13 novas enfermarias e recuperação de outras 25, com um total de 116 mil consultas médicas e vacinação de 60 mil índios; garantia de colheita de 40 mil toneladas de grãos em mais de 35 mil hectares de terras plantadas e ainda a implantação da bovinocultura e da piscicultura em várias aldeias do País.

“Estamos resgatando os índios da condição de miséria absoluta à qual se viam relegados”, afirma Jucá.

De acordo com o presidente da Funai,

o índio, hoje, sabe que é potencialmente rico e que não tem por que viver na miséria, se suas terras são ricas em minérios e madeiras, recursos naturais que podem ser perfeitamente explorados através de um processo disciplinado que não atente contra o meio ambiente. Para ele, é preciso garantir a fiscalização desta exploração através de um trabalho conjunto com o DNPM, no caso dos minérios, e do IBDF, no caso das madeiras. Acrescentou que considera um verdadeiro crime a realização de contratos de madeireiros e garimpeiros diretamente com os índios, sem a devida preservação cultural e ambiental.

Sobre a movimentação dos índios Caiapós, que exigem sua saída da presidência da Funai, Romero Jucá afirmou que todos têm o direito de expressar sua opinião, mas ressaltou que sua permanência à frente da entidade contraria muitos interesses em áreas indígenas. “Estamos numa democracia, e como há grupos que pedem a minha saída, há também uma expressiva maioria que prefere que eu fique onde estou. Meu mandato tem prejudicado diversos interesses, pois quem precisa vender uma imagem de desgraça do índio brasileiro no exterior para obter recursos fáceis evidentemente não gosta de ver a Funai mais forte e atuante”, concluiu.